

SONHO 1 – 4.600 anos atrás

A Análise desse sonho faz parte da Épica de Gilgamesh e é um dos mais antigos sonhos documentados de que se tem notícia. Gilgamesh, rei de uma cidade murada da Suméria chamada Uruk, era um poderoso soberano do mundo antigo e seu sonho foi considerado importante o bastante para ser gravado na pedra. Eis o sonho do Rei Gilgamesh:

"No meio da noite, eu caminhava com orgulho por entre meu povo. O céu estava cheio de estrelas. De repente, uma das estrelas do deus celestial Anu caiu sobre mim. Tentei reerguê-la, mas era pesada demais para mim. Toda Uruk reuniu-se ao redor da estrela, e o povo beijava seus pés."

Esse sonho tem cerca de 4.600 anos. Ainda hoje encontramos paralelos modernos, pois a linguagem do inconsciente mudou muito menos do que a da consciência. Interpretando esse sonho de um ponto de vista moderno, poderíamos dizer que até o momento em que a estrela caiu sobre Gilgamesh ele desempenhava o papel coletivo de rei — era o rei-herói. Ele é o homem típico que com ambição e sucesso segue um padrão coletivo. Na realidade, poderia ser um grande político ou um astro do cinema — um homem que trilhou certos caminhos coletivos e atingiu um alvo.

De um prisma interior, uma pessoa desse tipo reage de modo bastante coletivo, desempenhando um papel coletivo de poder. Pessoas assim, em geral, não são muito individuais.

A estrela, por outro lado, representa o que há de único nele — cada alma tem uma estrela no céu. Podemos dizer que, até o aparecimento da estrela, Gilgamesh, com todas as suas realizações coletivas de poder, não havia feito nada de único. Pelo contrário, apenas cumprira o padrão típico de um rei-herói. Nesse ponto, provavelmente por volta da metade da vida (porque é então que isso costuma acontecer), algo muda.

Enquanto ele caminha por entre os súditos, orgulhoso de sua própria condição de poder, uma estrela cai do céu sobre suas costas. A estrela acaba sendo um pesado fardo. É esse o momento em que seu destino se abate sobre ele, literalmente caindo-lhe nas costas. Isso quer dizer que, assim como Cristo precisou carregar sua cruz, Gilgamesh agora precisa carregar o fardo de ter que se tornar o indivíduo escolhido e único que devia ser, tarefa esta que evitava sendo um homem coletivo e ambicioso.

Mas a estrela também significa a alma imortal.

No Egito, por exemplo, aquela parte do ser humano que sobrevive à morte é a alma Bá, desenhada como uma estrela. É o núcleo eterno da psique e sempre representou o homem eterno e único dentro de nós. Assim, Gilgamesh deve agora seguir seu destino único em vez de desempenhar um papel coletivo — o que revela ser não um chamado glorioso, mas um pesado fardo.

Até a estrela cair sobre ele, Gilgamesh considerava a si mesmo um grande homem. Ele era um rei, um herói, a fortaleza do seu povo. Mas agora ele deve perceber que não é grande coisa. O que o povo cultua é a estrela de pedra, aquele algo maior que há nele, e não seu poder coletivo. No sonho, o povo beija os pés da estrela, não os de Gilgamesh.

O povo prostra-se diante da estrela, que é sua verdadeira grandeza. O sonho contém, portanto, uma pequena lição para Gilgamesh: "Não tome pessoalmente as honrarias e os elogios que o povo lhe faz. É a estrela sobre você que ele cultua. Você tem o dever de tornar-se um indivíduo único. É isso que é cultuado em você, e não sua pessoa. E esse será seu fardo mais pesado."

Assim, desse ponto da épica em diante, Gilgamesh torna-se o servo da sua missão heroica e única, a busca da própria imortalidade.

SONHO 2 – Freud e as escadas

Um dia, eu vinha tentando descobrir qual poderia ser o significado das sensações de estar inibido, de estar grudado no lugar, de não poder fazer alguma coisa, e assim por diante, que ocorrem com tanta frequência nos onhos e se relacionam tão de perto com os sentimentos de angústia. Naquela noite, tive o seguinte sonho:

Eu estava vestido de forma muito incompleta e subia as escadas de um apartamento térreo para um andar mais alto. Subia três degraus de cada vez e estava encantado com minha agilidade. De repente, vi uma criada descendo as escadas — isto é, vindo em minha direção. Fiquei envergonhado e tentei apressar-me, e neste ponto instalou-se a sensação de estar inibido: eu estava colado aos degraus e incapaz de sair do lugar.

ANÁLISE

A situação do sonho é extraída da realidade cotidiana. Ocupo dois pavimentos de uma casa em Viena, que se ligam apenas pela escada pública. Meu consultório e meu gabinete ficam no primeiro andar, e minhas acomodações domésticas, um pavimento acima. Quando, tarde da noite, termino meu trabalho, no andar inferior, subo as escadas para meu quarto. Na noite anterior à do sonho, eu realmente fizera um pequeno trajeto com a roupa meio desalinhada — isto é, tinha retirado o colarinho, a gravata e os punhos. No sonho, isso tinha sido transformado num grau maior de desalinho, mas, como sempre, indeterminado. Geralmente, subo as escadas de dois em dois ou de três em três degraus; e isto foi reconhecido no próprio sonho como uma realização de desejo: a facilidade com que eu conseguia isso me tranquilizava quanto ao funcionamento do meu coração. Ademais, esse método de subir escadas fora um contraste efetivo com a inibição da segunda metade do sonho. Mostrou-me — o que não precisava de comprovação — que os sonhos não encontram nenhuma dificuldade em representar atos motores realizados com perfeição. (Basta recordarmos os sonhos de estar voando.)

As escadas que eu subia, no entanto, não eram as de minha casa. De início, deixei de percebê-lo, e somente a identidade da pessoa que encontrei esclareceu-me qual era o local pretendido. Essa pessoa era a criada da senhora que eu visitava duas vezes ao dia a fim de lhe aplicar injeções, e as escadas eram também exatamente como as de sua casa, que eu tinha de subir duas vezes por dia.

Ora, como entraram em meu sonho essas escadas e essa figura feminina? O sentimento de vergonha por não estar completamente vestido é, sem dúvida, de natureza sexual; mas a criada com quem sonhei era mais velha do que eu, era grosseira e estava longe de ser atraente. A única resposta que me ocorreu para o problema foi esta: quando fazia minhas visitas matutinas a essa casa, eu costumava, em geral, ser tomado por um desejo de tossir ao subir a escadaria, e o produto de minha expectoração caía na escada, pois em nenhum dos pavimentos havia uma escarradeira; e a ideia que eu tinha era que a limpeza das escadas não deveria ser mantida à minha custa, e sim possibilitada pela instalação de uma escarradeira. A zeladora, uma mulher igualmente idosa e grosseira (mas com instintos de limpeza, como eu estava pronto a admitir), encarava a questão de modo diferente. Ela ficava à minha espera para ver se mais uma vez eu me serviria livremente da escada e, quando constatava que eu o fizera, eu costumava ouvi-la resmungar em tom audível; e por vários dias depois disso, ela omitia o cumprimento habitual quando nos encontrávamos. Na véspera do sonho, o grupo de zeladoria recebera reforço sob a forma da criada. Como sempre, eu havia concluído minha rápida visita à paciente, quando a criada me interceptou no saguão e observou: “O senhor podia ter limpado os sapatos, doutor, antes de entrar na sala hoje. O senhor tornou a sujar todo o tapete vermelho com os pés.” Esta era a única razão para o aparecimento da escadaria e da criada em meu sonho. Havia uma conexão interna entre subir as escadas correndo e cuspir nos degraus. Tanto a faringite como os problemas cardíacos são considerados castigos pelo vício do fumo. E, em virtude desse hábito, minha reputação de zelo não era das melhores em minha própria casa, quanto mais na outra; por isso as duas se fundiram no sonho.

Devo aplicar a continuação de minha interpretação deste sonho até que possa explicar a origem do sonho típico de estar incompletamente vestido. Assinalei apenas, como conclusão provisória a ser tirada do presente sonho, que uma sensação de movimento inibido nos sonhos é produzida sempre que o contexto específico a requer. A causa dessa parte do conteúdo do sonho não pode ter sido a ocorrência de alguma modificação especial em meus poderes de movimentação durante o sono, já que apenas um momento antes eu me vira (quase como que para confirmar esse fato) subindo agilmente os degraus.